

O Relevo

*Andréia Carvalho Gavita
Wanderson Mosco
Rodrigo Madeira
Marcelo Torrone
Giuliano Quase
Marília Kubota
Adriano Barros
Daniel Zanella
Juliane Moura
Guego Favetti
Iriene Borges
Luís Zavan
Marineu
Xico Sá*

Editorial

Trechos de *A vida ao rés-do-chão*, ensaio do crítico literário Antonio Candido, publicado em 1980 no Vol.5 da coleção *Para Gostar de Ler*, da Editora Ática, e republicado no livro *Recortes*, da Companhia das Letras, em 1993):

“A crônica não é um ‘gênero maior’. Não se imagina uma literatura feita de grandes crônicas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. ‘Graças a Deus’, seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica mais perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, mas para a literatura.”

“...deixando de ser comentário mais ou menos argumentativo e expositivo para virar conversa aparentemente fiada, foi como se a crônica pusesse de lado qualquer seriedade no tratamento de problemas. Mas observem bem as deste livro [Para gostar de ler 5]. É curioso como elas mantêm o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência e, no entanto, não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social.”

“[A crônica] não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra

Apoio Cultural

AVON



MERCADO JALU
CONFIRA NOSSA LINHA
EXCLUSIVA DE PERFUMARIA
3643-1912

Jornal União
www.jornaluniao.net | Siga o Jornal União no twitter: @jornaluniao | www.facebook.com.br/jornaluniao

num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. (...) Quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava.”

Colaboradores

Ricardo Pozzo
Escritor e fotógrafo curitibano.

Marcos Monteiro
Cursa 5º período de Jornalismo na UP.

Victor Amaral
Cursa 8º período de Jornalismo na UP.

Andréia Carvalho Gavita
Poeta curitibana. Publica seus textos no endereço habitoescarlante.blogspot.com. É autora de *Cortês do Infinito Transparente* (Lumme Editor, 2011).

Wanderson Mosco
Cronista londrinense radicado em Curitiba. Cursa Bacharelado em Sistemas de Informação na FESP.

Rodrigo Madeira
Poeta, autor de *Sol sem pálpebras* (Imprensa Oficial, 2007) e *Pássaro ruim* (Medusa, 2009)

Marcelo Torrone
Pianista, compositor e diretor do grupo Wandula.

Giuliano Quase
Escritor paulista e professor de literatura. Publica seus textos no endereço aguerradasimaginacoes.blogspot.com.br

Daniel Zanella
Cursa 5º período de Jornalismo na Universidade Positivo. Menina e mulher.

Marília Kubota
Escritora parnanguara, autora de *Selva de Sentidos* (2008). É organizadora da antologia *Retratos Japoneses no Brasil – Literatura Mestiça* (2010). Em 2008 organizou o Concurso Nacional de Haicai Nempuku Sato. É editora do Jornal MEMAI e publica seus textos no endereço micropolis.blogspot.com

Adriano Barros
Agente policial, autor de *Refém – Diário de um negociador* (Editora Livre Expressão, 2012)

Juliane Moura
Cursa 7º período de Jornalismo na UP.

Guego Favetti
Músico, compositor e intérprete curitibano.

Iriene Borges
Poeta e artista visual. Publicou duas antologias pelo coletivo literário Pó&teias. Publica seus textos no endereço vozdeeco.blogspot.com.

Luís Zavan
Músico e compositor, vocalista da banda La Valsa. Cursa 7º período de Jornalismo na UP.

Marineu
Compositor e empresário araucariense.

Xico Sá
Escritor e jornalista, colunista da Folha de S.Paulo, é autor de *Chabadabadá – As Aventuras do Macho Perdido e da Fêmea que se Acha* e mais dez livros. Na TV, participa dos programas Cartão Verde (Cultura) e Saia Justa (GNT). Publica seus textos no endereço xicosa.blogfolha.uol.com.br.

Meu pai foi um mistério em minha vida

Então, não sei por quê, comecei a sentir um imenso carinho por meu pai, ali, fraquinho, cabelo branco. Ajudi-o a se arrumar, fechei-lhe o paletó e voltamos pra casa, como cúmplices mudos de um crime, de um jorro de morte que destruiu nossa melancolia e nos uniu de uma forma misteriosa.

Arnaldo Jabor

Expediente

Fundado em Setembro de 2010

Edição: Daniel Zanella

Impressão: Folha de Londrina

Tiragem: 2000

Edição finalizada em: 06 de maio, 20h.

Contato

www.twitter.com/jornalrelevo

Facebook: Jornal Relevo

Envie suas crônicas, críticas e sugestões para jornalrelevo@gmail.com



O Relevo, às vezes, não se responsabiliza pelo conteúdo publicado de seus autores.

Daniel Zanella

Dos 19 aos 27

Do que gosto/O que gostaria de ser

Aos 19 anos eu só queria saber de ganhar dinheiro e viajar para praia. Sempre gostei muito de ir à praia – único lugar em que meu espírito se esquece de si e passa a agir sem ansiedade. Nesta época, entregava jornais e vendia espaços publicitários no pequeno jornal da cidade. Comprei um carro econômico com um aparelho sonoro precário, mas eficiente. Tirei a carteira e fui morar sozinho. Entregava muitos jornais.

Se dormia pouco, eu começava a beber muito. Muitas mulheres beberam o que pude comprar e se embriagaram antes de mim. A lombalgia não me deixava jogar futebol mais, a memória para filmes já dava sinais de traição.

Aos 27 anos, a gripe mais forte. Uma semana de cama, sessões de soro e inalação, a mãe preocupada e pedindo para que trabalhe menos. (Ah, mãe... Você me diz cada coisa, não?) Até vejo minha vida como se fora de mim. Se eu piorar e morrer e a pneumonia não regredir e eu não viver, o que fiz até hoje? O que deixo? Quais são as angústias pelas quais ficarei conhecido? O que de mim sobreviverá? O que pensam meus professores, amigos, os parentes distantes, os escritores que conheci, os inimigos que fiz, as mulheres que magoei?

Nem estou tão doente assim e não escrevo melhor do que antes – menos impetuoso que sou, mais ignorante ainda. (Vou te confessar: como minha formação é totalmente esburacada, troco palavras quando não sei se estão escritas corretamente, no contexto adequado. É frustrante, pois não há sinônimos.)

Sem condições para traba-



Ricardo Pozzo

lhar e estudar nesta semana, estou vendo mais televisão. Sou viciado em tênis. Às vezes sonho com as partidas, com as passadas, os saques furiosos, fico a imaginar que tipo de jogador seria.

Gostaria de ser um jogador de saque e voleio, um serviço com muita variação, bolas de efeito, constância. E tentaria jogar o mais suave possível para evitar lesões.

Aos 19 anos eu conseguia correr de Curitiba a Araucária, 18, 20 km. Meu professor me ditava o ritmo na moto velha dele e eu treinava sonhos de ser jogador de futebol, um goleador. Quando tive a primeira crise de dores nas costas, ainda devia ter uns 16 anos. Quando passei a morar sozinho, comprei um colchão bem duro, que diziam ser capaz de diminuir minhas dores crônicas. É um trajeto bem conhecido: as mulheres, quando se deitam nele pela primeira vez, estranham, mas não dizem nada.

Da terceira vez em diante, elas querem saber o porquê das coisas.

Conto e reinvento sempre a mesma história.

Hoje estudo e pretendo estudar outra coisa. Quando entediado com as aulas, relembro os gols recentes que fiz. Ao menos uma vez por semana a lombalgia se relembra de mim em partidas de nível técnico duvidoso quando jogo como se fosse a coisa mais importante que sei fazer.

Edito jornais, componho de forma canhestra, escrevo a mesma crônica desde os 19 anos e entrego um e outro jornal por valor afetivo. Um que entrego nas sextas-feiras sempre me pagou 30 reais por edição. Nunca mais, nunca menos. Algumas vezes passei finais de semana inteiros com essa grana. É um jornal bem ruim, mas tenho um carinho de fome por ele. Algumas vezes me esqueci de entregar e só o levava às bancas na segunda-feira, já

velho. Sempre fiquei com a consciência pesada quando isto aconteceu – e olha que eu escrevo muitas mentiras bonitas.

Tenho uma conta salário, o mesmo carro de oito anos atrás, canso mais rápido e ainda hoje entrego estes jornais porque são 30 reais e a minha vida inteira sempre foi feita de pequenas somas de 30 reais.

Sempre quis trabalhar com o que gostava e herdei de meu pai a dificuldade de aceitar hierarquias. Quando meu chefe de estágio pede que eu busque café, penso em quantas horas dormirei a menos na semana para tentar me ultrapassar.

Gostaria de ser também um comediante destes de stand-up comedy. Observo atentamente seus trabalhos, analiso o texto, a postura corporal, as feições, me impressiono com algumas soluções de humor. Uma das questões que mais me assombram é se há

limite ao humor. Não se pode caricaturizar negros, índios, brancos, amarelos, judeus? Não se pode?

Se eu tivesse como, escreveria textos sobre as flores noturnas e as coisas que a gente não vê. Não sei se alguém riria. Minha especialidade é fazer grossa melancolia.

Estou importunando meu outro chefe para que pague o que devo à minha ex-mulher. Há 8 anos não sei o que é viver sem dívidas, mas sei viver sem estar apaixonado.

Hoje converso com mulheres sem história, que ainda compram o meu baú de memórias. Elas procuram em mim o avesso de todos os homens que sempre tiveram.

Desculpem-me, minhas queridas, eu gostaria de ser tanta coisa, mas só consigo ser uma noite sem sonho. Não se decepcionem. Prometo que farei uma mágica bem boa e vocês sofrerão pouco.

Menos do que em seus dias anteriores.

Assim falou zarabatana para De Chirico

Andréia Carvalho Gavita

os dias são enigmáticos na solidão dos signos. a bile negra é dos herdeiros de saturno. minha fleuma é magenta, quase inexistente. na falta de clorofila, injeto a floresta no sangue. meu coração não está dentro de mim. apenas. anímico. navego o mar insensato da paisagem pós-batalha. na praça de turim. nada me escapa à metamorfose: o jogo de volumes das sombras acima do vazio dos fantasmas. com vapor de vespa. liberto os objetos da tirania da aparência. caio no que podem se transformar. além da identidade previsível. vestindo o sudário de um cão negro adormecido: sou uma mulher fosforescente. um ser atônito. com formigas carregadas de curare saindo das mãos. esplenograficamente louvo o animal que habita o homem. o cavalo marinho. o paramécio titânico. ornitorrinco, louva-deus, tamanduá. transatlânticos entre os reinos. bendigo a camuflagem, o mimetismo, a simbiose. a forma híbrida que a imaginação projeta com tempestade e ímpeto no muro branco das lamentações encefálicas. amalburga. cosmopolita. não sei o que é luto. mesmo tendo-o por predileta cor. coleóptera. nada procuro daquilo que não seja feito com o devir da clarividência. então não há mágoa. estou sempre à frente da loja do naturalista. e enquanto executo meu ofício de taxidermia, as estátuas meditam. e tonalizam uma extinta divindade anestesiada pelo raio da manhã. seus olhos de jade, sua intenção de manequim entalhada no acrílico: ultrapassam o valor químico da humanidade. perecível. em uma palavra, espero zaratustra, você entende.

Rodrigo Madeira

Pequeno pequeno pequeno

Mas já forceja de sol a sol o sísifo interior, das coisas juntadas e divididas por desrazão, em categorias. Taxônomo pré-mirim, compila selos sem ter selos e borboletas sem borboletas. Chora, para, sorri. Talvez seja o maior, e o menor, colecionador de coisas invisíveis em todo o universo. Leiloou na imaginação e sai adquirindo: marafonas que falam, trapos de nuvem, armas para a guerra aos irmãos, namoradas das folhas de revistas, monstros de célio, roupas ideais das matinês de carnavais, ave-marias aos domingos, cães de montaria, cantigas de dormir, desaforos, ouro do nariz, frieiras e verrugas, formigas e apocalipses, trevos estrelas urtigas, lençóis floridos, bichos sob a cama, pedras de rios que não passaram, buracos de fechadura.

Coleciona os dias, um maior que o outro, um mais novo que o outro, mais bonito.

A mãe chama para o jantar. Ele não vai. Não pode perder a conta de seu tesouro. A mesada foi toda gasta em bala-chiclete e, mastigando, trabalha o raciocínio: "...um dia vai valer uma fortuna. Vou trocar por um baú de moedas. Vou enterrar numa ilha deserta. Vou fazer um mapa". Não atina com a possibilidade de perder, mais do que os álbuns da coleção, perdidos em si, o ânimo de colecionar impossibilidades.

Certamente vale muito, certamente só dá pra isso: os olhinhos acesos no rosto do homem e uma saudade que atravessa a rua.



Ricardo Pozzo

EXATO
CENTRO EDUCACIONAL

Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico
Preparatório - Graduação Pós-Graduação
Aprendizagem Empresarial e Industrial

Fone: (41) **3552-1542 / 3552-5895**

Mar a Fio

Guego Favetti

Rio, lágrima de mar, lua, lua, lua, o rio estará vivo?
 Uma forquilha encanta, a infância me olha, teu caminho eu sigo.
 Rio que levou muita gente ao fundo desafio
 Rio que alegrou gente que ainda alegra o rio.

Vi uma folha a deslizar, um banho festejar, será que estou vivo?
 Brilha a luz do meu olhar, tanto canto em contar, cheiro d'água sinto.
 Nossa praia não tinha areia, piquenique era ceia estendida pelo chão
 Aos domingos missa, sol, família,
 A caminho do Forquilha, em cima do caminhão.

Rio, lágrima de mar, lua, lua, lua - ainda és bravio?
 Viu! Leva-me até lá, onde tu estás, arranca este vazio.

Correm tuas lágrimas em meus olhos,
 Me comovem tuas trilhas, tramas, galhos, solidão
 Espriam tuas águas - Espraiado
 Alegrias e feriados, rouba as dores e a paixão.

Rio, lágrima de mar, lua, lua, lua, teu caminho eu sigo...



Ricardo Pozzo

Marcelo Torrone

Dead Man Wake

How does he call that man who just passed by?
 Where does that man come from, where does he go?
 Who has seen that man, who just went by?

El Paseo

So many moons I'm not able to hide
 How could I pretend the desires and
 So many moons I don't understand

Panificadora e Confeitaria
Pão e Vinho
 Trabalhamos com livros sob encomenda
(41)3642-3552
 Av. Dr. Victor Ferreira do Amaral, 1136 - Centro - Araucária - PR

FISK
 CENTRO DE ENSINO
 DOMINE O CONHECIMENTO

FISK ARAUCÁRIA
 R. JOÃO PESSOA, 35
 TELS: 3642-3690
 3031-7040
 CONTATO@FISKARAUCARIA.COM.BR
 WWW.FISKARAUCARIA.COM.BR

O JEITO DIVERTIDO DE DOMINAR O CONHECIMENTO.

Adriano Barros

Nossas Lembranças

Marineu

No silêncio da manhã,
Lembro o brilho da maçã em seu rosto,
Olhos quentes, assombrados,
Nesta lembrança do que eu perdi.

Como um cão a farejar,
Junto os cacos deste coração que é vil,
Como um cão a disparar,
Atrás destas lembranças que eu deixei
partir.

Como é bom poder sonhar
Porque só o tempo cicatriza,
Lembro sempre em acreditar,
Meu amor... Mostre a ferida.

No silêncio da manhã,
Lembro o brilho na maçã em seu rosto,
Olhos quentes, assombrados,
Nesta lembrança do que eu perdi.

Como um cão a farejar,
Junto os cacos deste coração que é vil,
Como um cão a rastejar,
Atrás do que jamais esqueci.

Na certeza do que aconteceu,
E tanta coisa envolvida,
Continuas tão forte aqui,
A sua mão me devolve a vida.

Capítulo IX

Trecho de *Refém* – Diário de um negociador

Quinta-feira, 23 de maio, final de tarde chuvosa e Max prepara uma festa-surpresa para sua esposa, é o aniversário dela. Todos os parentes e amigos avisados da pequena comemoração, em casa. E parece até brincadeira, mas no meio da festa, nem o bolo na mesa, o telefone indesejável toca.

- Fala, Coronel... Ou melhor, nem me fale, deixa que eu adivinhe...

- Faça as malas que é fora da cidade.

A esposa não acredita.

- De novo? O negócio não é fácil, hein? Só tem você? Cadê os outros? – Pergunta, desconsolada.

- Não, é que os outros já estão ocupados com os problemas deles, aí sobrou eu.

A esposa se despede sem saber quanto tempo durará a nova missão. Os convidados, sem entender muito bem o que está acontecendo, também se despedem de Max.

Essa é a vida de um negociador da Antissequestro.

Se o telefone toca.



AVON

the company for women

**Quer revender?
Entre em contato com a gente**

Jucélia

(41) 3031-2357

(41) 9663-7557



Escrever

Marília Kubota

Não seguir o que os outros seguem. Não publicar apenas para ser uma escritora. Uma necessidade cada vez maior de registrar o tempo que passou. Quem sabe do tempo que passou? Eu só tinha a memória dos livros que havia lido. Depois conheci os escritores e artistas: Valêncio Xavier, Wilson Bueno, Jamil Snege, Manoel Carlos Karam, Hilda Hilst, Caio Fernando Abreu, Helena Kolody, Claudio Seto, Raul Cruz, Rollo de Resende. E pessoas das quais não se houve mais falar: Massao Ohno, da Editora Massao Ohno, Cléber Teixeira, da Noa-noa. Ainda tenho vergonha de dizer "conheci fulano" como se conhecer pessoalmente, ter sido amiga, fosse um crime. Para a geração da internet é como se nunca tivesse existido a "geração anterior". É como se a história fosse suprimida, ou estivesse sendo inventada pelos que estão hoje na vitrine. Um escritor deve ser alguém bem velho que saiba contar histórias. Não adianta apenas saber escrever. Com a internet todos aprenderam a escrever bem. Mas há uma dolorosa falta de experiência. Falta de vida que não se supre conhecendo quem está aparecendo no momento. Uma história de vida é uma história de vida. Um mosaico no qual os pedaços são colados um a um. Como colar os pedaços para que tudo faça sentido? Algumas imagens já apagadas. E outras querendo ser esquecidas. Se eu citar Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, que eu li quando jovem, vão me olhar feio. Nas oficinas da Fundação Cultural eu lia



Marcos Monteiro

textos deles e os alunos me perguntavam quem eram. Não tenho vontade de escrever porque não tenho com quem compartilhar o que leio. Quem quer ler o jurássico Bradbury que nos anos 50 escrevia sobre foguetes e vida em Marte? Todos querem ler ou ver quem está na vitrine. Penso na memória. Não gosto de "discutir" temas literários e tenho pavor de conceitos literários. Acho que o escritor bom ou fala dos livros que leu ou dos autores, ou da sua vida, que deve ser interessante o suficiente para ser escrita. Os eventos literários são artificiais porque o importante não é discutir literatura – isto é chato. O importante é lembrar momentos maravilhosos de uma vida – o hilariante

"Sonhos de Bunker Hill", de John Fante, os poemas de Lawrence Ferlinghetti que sobreviveram aos beatniks, o traço irônico de James Thurber, o engajado Drummond de "A Rosa do Povo". Não há como disfarçar que sou nostálgica e anacrônica e a memória anárquica não ajuda a recompor a história. Preciso escrever não só para reorganizar a memória. Mas também porque quero jogar o jogo de representar uma vida com palavras e imagens. Escrever talvez seja só isso: tentar reproduzir os momentos mais frágeis de uma vida que passa. Por isso é uma aventura íntima, uma travessia. E, ao contrário do que se pensa – os que hoje escrevem na internet – não é para muitos.

Emenda para e-mail em 15 minutos

Atenção, amantíssimo amado não se precipite em julgar este comunicado. O meu palpite – e verá quão bem embasado – é que seja lido em rito de contrição.

Ora, o senhor tem um celular e uma namorada cuja relação vai de mal à ruína. Parece que esse instrumento tem sido entrave à comunicação a qual se destina.

E antes que uma mão irada espatife em alguma parede o velho patife, venho alertá-lo para que o proteja. E aviso, para não perder logo a peleja, descarte o argumento de que

“essa porcaria há muito tempo não segura bateria.” Não é boa jogada denegri-lo mais ainda à mulher por ele ignorada. Tenha piedade do aparelho e com muita humildade meta o bedelho

assumindo a responsabilidade pela distração. NÃO. Distração aumenta o agravo. É desaforo mesmo, admita. Seja bravo, peça desculpas. Sobretudo prometa ficar atento aos tremeliques

do dispositivo. É por esses tiques que lhe garantirá estar vivo até a próxima chamada. Seja corajoso bancando o escudo. Afinal, é sua a amada. Arrependido

e mudo, a ouça esbravejar sem fazer disso piada. Não arrisque ante a fúria genuína. Zele a propriedade senão já sabe... Ira, parede, ruína, etc, etc, etc.



Ricardo Pozzo

Enraizado

Wanderson Mosco

A fria navalha rasga vorazmente a pele que, já fina, tal qual uma folha roída pelo tempo, baixa a guarda e deixa-se invadir pelo estrangeiro objeto metálico. O corpo, revoltado com a fraqueza demonstrada por seu revestimento externo, tenta reagir através de vários órgãos internos que desferem jatos de diversos líquidos, todos extremamente ácidos e esbranquiçados, contra o intruso; finda a munição, o edifício orgânico está vencido. Em face da persistência do objeto, da sua força escomunal, o corpo desiste por completo da batalha e engole o novo ente material que passa a enferrujar rapidamente. A ferrugem se alastra para os órgãos, antes combatentes, agora acomodados, cobrindo-os sem quaisquer indícios de piedade. A nova capa enferrujada transfigura-se em pulsão brutal, causando espasmos incontrolláveis. O corpo acostuma-se a essa violenta série harmônica, criando um destoante acorde. Sua existência torna-se rígida, seu olhar muda, seu mundo torna-se caótico e anoitece por completo.

CALCEAKI
CALÇADOS & ESPORTES

Avenida Victor Ferreira do Amaral, 342 - Centro -
Araucária. Fone: (41)3642-1622

A bucinha

Giuliano Quase

a boca suja da noite
que exala o odor da sua bucinha

a boca suja da noite
que sobre efeito do perfume me enlouqueço

não servirá de matéria para a
composição dos meus versos.

a sua bucinha.

a boca suja da noite
que retira o véu da sua bucinha
crisálida
e apraze o mel
e a urina
não será metáfora para o céu estrelado
das minhas contemplações.

(constelações?)

a sua bucinha

(raspada?)
(peluda?)
(ruiva?)

não será o eclipse raro das faces da lua
ou a elipse das cartas de amor.

mas por enquanto,

a sua bucinha
a sua bucinha
a sua bucinha

a
sua
bucinha

está se desenhando como
uma gengiva na boca suja da noite.

Marcos Monteiro
Série Portas de Banheiro

Só mais uma viagem

Juliane Moura

As moças todas engomadas, os rapazes da mesma forma. Todos figurantes. Até ela era. Dona daqueles pensamentos que não lhe pertenciam.

As paisagens inspiravam lembranças que vinham à tona. Decorou cada gesto, o sorriso, a forma com que se expressa e todos aqueles detalhes minimalistas que um apaixonado guarda para si. Julia detestava a ideia da paixão tê-la pego desprevenida. Coisa de menina boba, que se enxerga nos livros, e corre os olhos naquela crônica já decorada. Que tenta achar graça do que na verdade lhe causa ódio. O olhar atravessa a janela e se perde naquela imensidão, porém a sensação de liberdade acaba por aí. Àquela altura tudo se tornava incômodo, até mesmo o sentimento intruso. Dentro do livro de capa azul que lera na primeira hora daquele voo, Julia tentava se distrair com um papel rabiscado que havia guardado. Apoiado ao pequeno suporte da poltrona à frente, ela relia alguns trechos daquela história. Como ele sabia o que ela tinha vivido? Roubou o seu momento sem ao menos conhecê-la. Petulância de escritor.



Escrevia algumas palavras no rascunho que encontrara, pensando no que havia lido pouco antes. Quando percebeu já estava parafraseando o cara que ela insistia em não amar. Como ele era bonito! E

poeta – o pior. Homens não têm o direito da intelectualidade, no máximo o da beleza. Se sem o primeiro já machucam corações alheios, imagine com ambos? Ouve o aviso de que estão

se aproximando do destino. Afinal, que destino? O dela parecia ser só ao lado dele. Foi só mais uma viagem. Uma viagem da sua mente ao imaginar que um dia tudo o que sonhou poderia se

tornar realidade. Mais de três horas de lembranças, que vão continuar na sua cabeça por uma vida, ou até mais. Agora vá, enfrente a realidade que não deseja e conviva com o sentimento que dilacera.

Poema para ler gritado

Luís Zavan

Em nome da raiva e da pressa
devo executar meus desejos
a dor que meu corpo carrega
não se acalma com o mais doce beijo

meus dentes amarelos e trincados
meu olhar que resseca a amor
esses são meus vários pedaços
de vingança, incerteza e rancor

a Lua, de medo se apaga
os ratos até sentem a mágoa
e fogem pelos bueiros

a chuva que sempre chora
meu sangue que pulsa agora
assusta até o mais bravo coveiro

O Top 10 do sofrimento feminino

Ricardo Pozzo

Xico Sá

A minha dor não é a dor dela, como na música de DJ Dolores & Orchestra Santa Massa. É outra voz, outra parada.

Meu mundo caiu, simbora. Depois de listas e mais listas da cornitude macho-jurubeba, um top 10 do tal derramamento das fêmeas. Na voz delas próprias.

De Dolores Duran a Amy Winehouse, a dor que deveras sente na goela e no coração das divas. Encomendei a lista a Denyze Moreira, La Lady Dee, cuja vitrola é um primor no assunto. Jornalista, blogueira do "Garota Isso" e proprietária de uma das bocas mais bonitas da miscigenação dos trópicos, a moça mandou seu top 10 no capricho.

"Pra quem se acha muito sofrido por ter sido/ser corno, saiba que não é nem uma bolha num calcanhar descalço num dia de verão na Faria Lima se comparado ao sofrimento do "atropelamento e fuga" (causado pelos homens) que vitimam as mulheres", confessa ela, machucando com jeitinho.

1 - Maysa - Ouça - "Ouça, vá viver sua vida com outro bem / pois eu já cansei de pra você não ser ninguém..."

2 - Dalva de Oliveira - Pela Décima Vez - "Jurei não mais

amar pela décima vez / jurei não perdoar o que ele me fez, mas o costume é a força que fala mais alto do que a natureza..."

3 - Gal Costa - Folhetim - "Mas na manhã seguinte, não conte até vinte, te afastas de mim / pois já não vales nada, és página virada, descartada do meu folhetim..." O vídeo do link é imperdível: aquele da novela "Dancyn Days".

4 - Elis Regina - Noves Fora - "A tua falta somada / A minha

vida tão diminuída / Com esta dor multiplicada / Pelo fator despedida..."

5 - Elza Soares - Lá vem você - "Quando você se foi / Deixou uma lacuna no meu peito / E hoje eu quero ter esse direito / De escolher o que é melhor pra mim..."

6 - Diana - Por que brigamos - "Ó meu amado porque brigamos / Não posso mais viver assim sempre chorando..."

7 - Dolores Duran - Canção da Tristeza - "Que eu nunca mais escute / O som da tua voz / Que eu não te veja mais, jamais..."

8 - Adele - Many shades of black - "Go ahead / and smash it on the floor / Take whatever's left / and take it with you out the door..."

9 - Ella Fitzgerald - The man that got away - "The night is bitter, the stars have lost

their glitter / the winds grow colder, and suddenly you're older / and all because of the man that got away..."

10 - Amy Winehouse - Love is a losing game - "Why do I wish I never played / Oh, what a mess we made / And now the final frame / Love is a losing game..."

Sentiste falta de alguma outra canção dolorosa, Lola? Que outras faixas mereciam estar nesta lista?

